

CATARINA FERNANDES BARREIRA*

Instituto de Estudos Medievais, NOVA FCSH e CEHR UCP cbarreira@fcsh.unl.pt

MÁRIO FARELO**

Instituto de Estudos Medievais, NOVA FCSH; CEHR UCP e CH-UL. mario.farelo@fcsh.unl.pt

Relatos prodigiosos nos códices do Mosteiro de Alcobaça

Resumo: Num conjunto significativo de códices produzidos no mosteiro cisterciense de Sta. Maria de Alcobaça, os monges deixando, até ao século XVIII, pequenos relatos sobre acontecimentos prodigiosos, relacionados, em particular, com fenómenos naturais que lhes causaram espanto e medo. Também na sua biblioteca encontramos textos relacionados com *mirabilia*, copiados pelo *scriptorium* alcobacense, alguns traduzidos para português. A comunidade alcobacense viu-se, desde muito cedo, como uma guardiã de memórias, algumas bastante prodigiosas, vinculadas à história da sua própria fundação, quer relacionadas com o reino de Portugal.

Palavras-chave: *Scriptorium*; Mosteiro de Alcobaça; Relatos de viagem; Manuscritos medievais; Catástrofes naturais.

Abstract: In various codices produced in the Cistercian monastery of St. Maria of Alcobaça, up to the eighteenth century, the monks left brief accounts of miraculous events, related in particular to natural phenomena that caused them astonishment and fear. In the monastery library we also find texts related to *mirabilia*, copied by the Alcobaça *scriptorium* and translated into Portuguese in some cases. The Alcobaça community saw itself, from very early on, as a guardian of memories, some quite extraordinary, linked to the history of its own foundation, or to the kingdom of Portugal.

Keywords: *Scriptorium*, Monastery of Alcobaça, travel stories, medieval manuscripts, natural disasters.

* Investigadora contratada do IEM da NOVA FCSH, colaboradora do CEHR e Investigadora Responsável no Projeto Horizontes cistercienses. Estudar e caracterizar um *scriptorium* medieval e a sua produção. Alcobaça. Identidades locais e uniformidade litúrgica em diálogo (ref.º PTDC/ART-HIS/29522/2017), financiado pelos Fundos Nacionais através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da Norma Transitória - [DL 57/2016/CP1453/CT0070].

** Membro do projeto Horizontes Cistercienses. Membro integrado no IEM e colaborador no CEHR e CHUL.

Os vestígios bibliográficos deixados pelos monges de uma das mais importantes abadias cistercienses da península ibérica e mesmo da Europa –Santa Maria de Alcobaça– não deixam de registar o maravilhoso. Com efeito, a partir do acervo do arquivo e dos livros da biblioteca alcobacense, é possível perceber que o maravilhoso ou o prodigioso constituiu um importante recurso literário, mobilizado pelos monges para diversos fins e ao longo dos séculos. Antes de analisar cada um desses fins, impõe-se uma rápida introdução à história deste mosteiro, do seu *scriptorium* e biblioteca.

Filho de Claraval, o mosteiro de Alcobaça foi fundado em abril de 1153 e a edificação da igreja e as instalações conventuais tiveram início em 1178.¹ A igreja foi consagrada a 20 de outubro de 1252, pelos bispos de Lisboa e Coimbra, como ficou registado no *Livro das Eras* de Santa Cruz de Coimbra.² A sua história, enquanto o mosteiro cisterciense masculino mais importante em Portugal, está intimamente ligada com o livro e com a constituição de uma biblioteca, ao longo de vários séculos.

De facto, os cistercienses apreciavam o livro³ e faziam-se dele acompanhar em praticamente todas as atividades diárias, e nos mais variados locais: na igreja, no coro (livros necessários para o ofício e para a missa); no refeitório, a acompanhar as refeições; na reunião na Sala do Capítulo (onde se lia diariamente a *Regra*, o *Costumeiro* e o *Martirológio*⁴); no claustro (leitura das *Colações* de Casiano antes de *Completas*⁵); na noviciaria (os livros necessários para a aprendizagem dos noviços) e, individualmente, no estudo e meditação.⁶ Para todas estas atividades diárias, litúrgicas ou não, era necessário um conjunto diversificado de livros e, na maior parte dos casos, mais do que um exemplar da mesma obra.

Assim acontecia na abadia de Alcobaça, na qual a biblioteca constituiu um bom exemplo de uma biblioteca feita pelos monges, para uso dos monges e da comunidade, o que previa a existência de um *scriptorium*.⁷ Este último iniciou a produção de manuscritos iluminados no último quartel do século XII, e manteve-a até ao século XVIII, apesar da aquisição de impressos.⁸

Da biblioteca do mosteiro de Alcobaça chegaram até nós cerca de 470 códices manuscritos, a maior parte preservados na Biblioteca Nacional de Portugal.⁹ Este acervo reflete, de facto, o lugar do mosteiro alcobacense como um importante lugar de produção e cultivo da memória multissecular, quer das memórias espirituais e históricas da comunidade, quer da fixação de uma memória régia, através do papel da abadia enquanto guardião de documentos régios ou da redação, no seu seio ao longo do período moderno, de textos cronísticos e históricos nas quais se mencionam a fundação (mítica) do reino e a genealogia dos reis de Portugal.¹⁰

É nesse *corpus* de códices manuscritos que é possível encontrar pelo menos três tipos/tipologias de registos do maravilhoso:

1. Registos ligados ao processo fundacional do mosteiro e às suas origens «lendárias» e míticas;
2. Textos/registos do maravilhoso ao nível da viagem;
3. Pequenos relatos sobre acontecimentos prodigiosos –fenómenos naturais que causaram medo e espanto aos monges e à comunidade.

1 GOMES 1998, 11; GOMES 2000; GOMES 2002, 207; GOMES 2013; GUSMÃO 1992, 22 e 23.

2 FERREIRA 2009; NASCIMENTO 1992, 161; GOMES 2000, 39; GOMES 2002, 202 e 208.

3 NASCIMENTO 2018, 194.

4 NASCIMENTO 2018, 37.

5 NASCIMENTO 2018, 158.

6 BONDÉELLE 2008, 96.

7 NASCIMENTO 2018, 36 e seguintes.

8 NASCIMENTO 1991, 121-145; NASCIMENTO 1992, 149-62; MIRANDA 1996; GUERRA 2003, 226; NASCIMENTO 2012, 292.

9 Sobre este número: NASCIMENTO 2018, 283 e seguintes.

10 GOMES 2000; SOALHEIRO 2016.

1. Fundação mítica e lendária do Mosteiro de Alcobaça

As origens do mosteiro de Alcobaça não deixaram de carrear um elemento ligado ao maravilhoso, uma vez que a fundação da abadia decorre de um voto de D. Afonso Henriques e da consequente intervenção «milagrosa» de São Bernardo e da realização de milagres aquando da fundação. As memórias relativas a este contexto fundacional encontravam-se por escrito no período medieval, consignadas desde pelo menos o século XIII numa *Lenda de São Bernardo*, que foi aproveitada posteriormente pela cronística régia e que deveria ter tido um uso litúrgico que a falta de fontes não permite detalhar.¹¹

Certo é que o tema passou a ser valorizado ainda mais pela historiografia alcobacense a partir do século XVI e durante as centúrias seguintes. Através da pena de vários dos cronistas da Ordem como Fr. Bernardo de Brito (1569-1617), cronista-mor do reino e monge professo ou Fr. Hilário das Chagas (século XVI) –autor de umas *Memórias da fundação de Alcobaça*– o passado medieval da abadia torna-se um tempo áureo, ao passo que os seus inícios são proficuamente envolvidos por ações «milagrosas» de São Bernardo.¹²

Importa sublinhar que estas memórias fundacionais, congregadora de uma ligação a São Bernardo, mas também à Coroa, viriam a ser cristalizadas na pedra e no vidro. Assim, o visitador Pedro Serrano determina, em 1484, que um dos vitrais a construir na Sala do Capítulo alcobacense seria a imagem dos monges enviados por Bernardo para efetivar a fundação do mosteiro *fundavit* pelo rei D. Afonso Henriques.¹³ Posteriormente, esta memória régia viria a ficar cristalizada (ou ainda mais reforçada) na Sala dos Reis, edificada no século XVII, mais concretamente entre 1676 e 1679, sob a forma de esculturas em barro, datadas da centúria seguinte, que representam alguns reis portugueses, de D. Afonso Henriques a D. Pedro II e ainda pelo revestimento das paredes por painéis de azulejos que ilustram lendas ligadas à fundação de Alcobaça.¹⁴

2. Presença de textos ligados ao maravilhoso

Neste apartado pretende-se analisar brevemente o maravilhoso nos textos de viagem. A biblioteca do mosteiro de Alcobaça possuía, fruto do seu *scriptorium*, um importante conjunto de textos relacionados com a viagem em que pontuava o maravilhoso. Por um lado, os monges alcobacenses copiaram textos em latim, cuja crítica aponta para uma cronologia de elaboração entre os séculos XIII e XV, a saber o *De Solistitionis insula magna*, da autoria de Pseudo-Trezenzónio (Alc. 37 e 39),¹⁵ a *Navigatio Sancti Brendani*¹⁶ e *Epistola Iohannis Presbyteri Regis Indiae* no Alc. 380 e o *In anglia comes baruic* (*Guido de Warwick*) contido no Alc. 414. Pelo outro, regista-se a presença na biblioteca monástica das traduções quattrocentistas de textos conhecidos como a *Visão de Túndalo* (Alc. 211 e 465)¹⁷, existindo neste último igualmente textos alusivos ao tema como *Barlaão e Josafá* e a *Vida de Santo Amaro*. Por fim, o Alc. 461 consigna de Isaac de Nínive o *Livro do Desprezo do Mundo*, porventura uma versão de *O Purgatório de São Patrício*. Assim, do largo conjunto de hagiografias passíveis de serem retiradas dos *Flos Sanctorum* (cerca de duzentas *vitae*), Alcobaça dispunha as poucas que tratavam de relatos sobre a visão do Paraíso.¹⁸

11 SOALHEIRO 2016.

12 BRITO 1597; GOMES 2006, 427.

13 SOALHEIRO 2016, 36.

14 TINTURÉ *et al.* 2015, 126-133.

15 NASCIMENTO 2018, 139.

16 NASCIMENTO 2012, 553 e seguintes; NASCIMENTO 1998.

17 PEREIRA 1895; NUNES 1903-1905.

18 LUCAS 1986, 28.

Todos estes textos podem definir-se como relatos de viagem, nos quais se inclui a narração de *mírabilia*, de elementos insólitos, mas reais, ligados ao sobrenatural (presença de monstros, por exemplo), ao natural (montanhas, fenómenos atmosféricos e geográficos que ajudam a ação ou constituem o pano de fundo da mesma) ou a elementos físicos construídos pela ação humana.

Num contexto monástico como o de Alcobaça, estes textos não valiam somente pela história que contavam, mas sobretudo porque neles inseriam-se importantes noções para a vivência monacal. De facto, tais textos funcionavam como relatos, alguns de carácter hagiográficos, a partir dos quais era possível explorar as ideias de paraíso, de milagres ou do inferno, ou seja, viagens maravilhosas ao Além que «fornecem modelos de comportamento correto para que os indivíduos atingissem o Paraíso» (Zierer).¹⁹ De igual modo, o espaço marítimo que lhes servia de base constituía uma boa alegoria, um «espaço aberto a experiência espiritual».²⁰ A vida monástica passava a ser vista na perspetiva de uma aventura marítima. Para além disso, a existência de lugares utópicos era valorizada, porquanto matriz de uma sociedade perfeita, tal como o mosteiro.

De facto, tais textos encontravam-se agregados, geralmente no seio de códices compósitos, a textos de pendor mais teórico, como se estes relatos fossem a «aplicação» ou a formulação «prática» dos textos mais especulativos. Por exemplo, o *De Solistitionis ínsula magna*, da autoria de Pseudo-Trezenzónio, encontra-se no Alc. 37 com os seguintes: os *Orationes speculatiuae siue meditationes* de Santo Anselmo, o *Liber de Anima* de Cassiodoro, constituindo-se assim numa exemplificação para os dois anteriores.²¹

No caso do Alc. 380, a *Navigatio Sancti Brendani* e a *Epistola Iohannis Presbyteri* foram copiadas depois da segunda parte das *Colações* de Cassiano e do *Livro da condição humana* do papa Inocêncio III. Em relação ao Alc. 414, o texto *In anglia comes baruic* (*Guido de Warwick*) copiado já no século xv, foi adicionado a um códice litúrgico dos inícios do século XIII (terceiro volume de um *Homiliário*, copiado por João Pecador). Não seria impossível que esta agregação denote uma tentativa de tornar hagiográfico o *Guido de Warwick*, o qual é, na sua base, um romance de cavalaria.²²

A mesma «mecânica» é perceptível nos textos traduzidos, já que o Alc. 211, contendo *O Catecismo da doutrina cristã*, o *Virgeu da consolação* e um *Tratado das meditações* atribuído a São Bernardo, conclui-se justamente com a *Visão de Túndalo*. Em relação aos outros dois códices, Alc. 461 e 462, os textos estão ambos inseridos em coleções de vidas de Santos: no primeiro, o códice tem início com o *Livro do desprezo do mundo*, de Isaac de Nínive, *Do ajuntamento de boos dictos e palavras*, por Pseudo-Isidoro de Sevilha, seguindo-se duas *vitae* de santas (Maria Egipcíaca e Santa Pelágia), a *Vida de um monge*, a *Vida do Duque Antíoco*, terminando com pequenos textos ascéticos e morais. No caso do segundo, o Alc. 462, temos a seguinte ordem: *Contemplação segundo as sete horas canónicas*, o *Quicumque vult salvus esse*, *Vidas de santos* (Santa Eufrosina, Santa Maria Egipcíaca, Santa Pelágia, Santa Tarsis), ao que se seguem os textos *Barlaão e Josafá*, *Vida de Santo Aleixo*, *Vida de Santo Amaro* e o códice termina com a *Visão de Túndalo*.²³

Não é possível, por ora, perceber com maior profundidade os critérios subjacentes a esta junção de textos, pelo que permanece em aberto a possibilidade de existência de critérios distintos para tais agregações, em função das épocas. No entanto, algumas características deste *corpus* parecem evidentes: os monges de Alcobaça copiam com a preocupação em recolher e preservar na sua biblioteca –para seu uso catequístico e edificante– um conjunto de textos ilustrativos do maravilhoso, de cariz

19 ZIERER 2013, 109.

20 NASCIMENTO 2007, 8.

21 NASCIMENTO 1988, 488.

22 NASCIMENTO 1993, 459.

23 CASTRO *et al.*, 1982-1983.

moralista.²⁴ A comunidade transmite, preserva e integra estes textos em conjunto com outros, tornando significante uma tal agregação, a qual só pode ser apreendida com o estudo preciso do que se junta e do quando se junta. Tais textos tornam-se particularmente importantes para os monges, pois são objeto de tradução no século xv, num período de reforma da comunidade no sentido de um regresso à espiritualidade dos primeiros tempos de Cister.²⁵ A questão da tradução para português não é de menor importância, pois implica perceber o que se lê para o tornar acessível noutra língua, num processo dinâmico, mas acima de tudo, reflexivo e que responde eficazmente aos interesses dos monges.

3. Os fenómenos naturais como sinais do «maravilhoso»

Este tema refere-se a assentos de fenómenos naturais que causaram medo e espanto e que foram registados em diversos códices ao longo dos séculos. Estes aparecem sob a forma ora de cópia dos relatos sobre cataclismos medievais, ora como adições marginais a textos variadíssimos, que vão desde as *Homilias de São Gregório* a códices de uso litúrgico ou de apoio à liturgia, ou ainda a compilações de textos normativos, como é o caso do Alc. 218. Uma tal presença, maioritariamente em notas marginais ou em fólios agregados a códices de uso litúrgico não deixa de ter significado, porventura um significado mais elaborado e complexo do que a mera preservação da memória futura destes acontecimentos pela comunidade precisamente nos códices que poderiam ser objeto de um manuseamento quotidiano.

Quase todos estes relatos obedecem a uma mesma estrutura (Data - Fenómeno - Contexto histórico, reinado - Danos sofridos) e registam essencialmente notícias de terramotos (1355, 1356, 1528, 1531), de tempestades e cheias (1437? ou 1475?, 1583), ou de outros fenómenos como pestes e incêndios (1609, 1656, século xvii), como se depreende da sua compilação explanada na tabela em Anexo.

O facto de alguns destes registo terem sido redigidos pelo mestre de noviços Fr. André, nos inícios do século xvi, faz pensar na utilização destes factos insólitos como avisos ou castigos divinos, destinados a doutrinar aqueles que não eram ainda monges. De igual modo, não é impossível que tais relatos pudessem servir de memória para atos mais mundanos, como por exemplo para justificar as despesas de alguma reparação de danos nas estruturas do mosteiro causados por esses mesmos fenómenos atmosféricos insólitos.

Certo é que tais relatos têm relevância historiográfica, nomeadamente para o estudo da sismicidade histórica, ao passo que carreiam informações sobre a arquitetura monástica ao documentar espaços e obras intervenzionados como uma parede meio derrubada ou uma escultura que caiu.

**

No término deste rápido e necessariamente incompleto esquiço, parece claro que o recurso ao maravilhoso em três registo tão distintos quanto textos historiográficos, relatos de viagem e assentos de catástrofes não acontece de forma fortuita no contexto alcobacense. Todos eles encontram-se ligados –por vicissitudes de vária ordem– à questão da preservação da memória do mosteiro e da sua comunidade.

24 SOBRAL 2005, 98.

25 BARREIRA *et al.* 2019.

Dessa forma, tais registos encontram um perfeito cabimento numa vivência monástica marcada pela ligação erudita entre utopia e religião, em que o maravilhoso assume um carácter de exemplo, de perfeição que se procura atingir. Deste ponto de vista, importa explorá-lo, não somente enquanto recurso literário, mas também como elemento doutrinário e catequizador na formação monástica, especialmente operativo em contextos de retorno à perfeição original como aqueles que marcaram as tendências reformistas que varreram os claustros monásticos, e não só, entre os finais da Idade Média e os alvores da Modernidade.

**

ANEXO—As referências a terramotos, tempestades, cheias e outros elementos «maravilhosos» na biblioteca de Alcobaça²⁶

Data	Abrangência	Impactos no Mosteiro	Obs.
11.7.1335, Sábado (sic) [11.7.1355]	Terramoto		BNP, Alc. 9, fl. 1 (Breviário) ²⁷ Santos (ed. 1979): 46 (perifrases de Alc. 9)
24.8.1356, dia de São Bartolomeu, a horas de se pôr o sol	Terramoto	Queda de cruz, torre e coruchéus	Glosa aos Salmos Alc. 240 (assento Fr. André Lopes, início XV; bem datado); Santos (ed. 1979): 46 (perifrases de Alc. 240); São Bonaventura, 1827: 44 (latim, episódio datado de 1321)
16.3.1437? ou 1475?	Tempestade que inundou o mosteiro	Cozinha da enfermaria alagada	Compilação de docs. normativos vários Alc. 218, fl. 115 (1439-1440) ²⁸ ; Santos (ed. 1979): nota 35 à p. 46 (perífrase sumária de Alc. 218)
12.3.1528, 5ª feira, das 8 para as 9 da manhã	Terramoto	Parte da abóboda do claustro	Ordinário do Ofício Divino, Alc. 63, fl. 148v (1483) ²⁹ São Bonaventura, 1827: 44 (em português); Santos (ed. 1979): 46

26 Nomenclatura: Alc. = *Fundo Alcobacense*; BNP = Biblioteca Nacional de Portugal; docs. = documentos.

27 Breviário Diurnal: «Era de mil e trezentos e noventa e três anos (1355 de Cristo), onze dias do mês de julho sábado dia in translatio sancti benedicti tremeu a terra (...) reinando em Portugal don D Afonso VII?? filho de don denis e avendo discordia ant e seu filho o infante don herdeiro em no qua dia as gentes ouverão grande medo.»

28 Costumes, Definições, visitações: «Era de mil e iiijc e Lxxv de março xvj dias crecente ho dia foy cousa despamto em a vista dos homens qua lagos soterranhos. Cavernas. e rios e grutas. pareçeo çessarem de sseus cursos naturaeas per seus meatus acostumados e vierom agoas de sso a terra sobre a terra. nom morosas e temperadas mas impetuosamente e comsobrinha trigosa. e derribarom pontes e moynhos e casas em algucas villas e correrom montes huuns aos outros e terras e foy fecta perda sem conto e tal rompimento de agoas non for em memoria de homeens achado. per aia nella da cozinha da emfermaria entrara agoa senom fora roto huum portal na parede.» Ver BARREIRA et al. 2019.

29 Breviário Matutinal: «1528, quinta-feira, dia de S. Gregorio, 12. 3, entre as 8 e as 9 horas, acabada a tercia estando tangendo ao sino para a missa, foi tao grande terramoto e tremor de terra que todos os monges fugiram do coro cuidando todos... caia o mosteiro de maneira que senam acordam de tam grande tremor de terra foi este tremor per espaço de um pater noster e em acabando a missa (fl. 149) ao Deo gracia tornou outra vez a tremer mês nam tanto como a primeira de maneira que com este terremoto abrio aboveada da crasta da cozinha e a do convento caindo muitos pedaços da aboveda». Ver BARREIRA 2015; NASCIMENTO 2018, 114, 173 e 343.

Data	Abrangência	Impactos no Mosteiro	Obs.
26.1.1531, pouco antes de amanhecer	Terramoto	Abertura de paredes; caiu cruz e imagem da Virgem 15 dias não dormiram dentro de casa, mas em barracas	Glosa aos Salmos Alc. 240 (assento Fr. André Lopes, início XV; bem datado) São Bonaventura, 1827: 45; Santos (ed. 1979): 46-47 (tradução perifrásica)
21.1.1583, 6ª feira	Cheia do Mondego		Ordinário do Ofício Divino Alc. 62, fl. 179v (1475) ³⁰ (Ordinário do Ofício Divino que foi feito em Alcobaça, foi para Seiça e lá ficou durante um século, pelo menos e depois foi devolvido a Alcobaça)
7.10.1609, às 8 da noite	Viu-se um «arco de velha» pera a parte do norte cousa que nunca se viu em nossos tempos		Ordinário do Ofício Divino Alc. 62, fl. 197 (1475) (Ordinário do Ofício Divino)
Século XVII	O caderno resistiu ao fogo		<i>Flores cistercienses</i> Alc. 90, de Fr. Bernardino Soutomaior
21.10.1656	Epidemia		Homilias São Gregório, Alc. 369

30 BARREIRA 2015; BARREIRA 2016.

BIBLIOGRAFIA

- BARREIRA, Catarina Fernandes, «Questões em torno dos Ordinários do Ofício Divino de Alcobaça», C. VARELA FERNANDES (coord.), *Imagens e Liturgia na Idade Média*, Lisboa, Secretariado para os Bens Culturais da Igreja, 2015, 131-152.
- BARREIRA, Catarina Fernandes, «O quotidiano dos monges alcobacenses em dois manuscritos do século xv: o *Ordinário do Ofício Divino* Alc. 62 e o *Livro de Usos* Alc. 208», *Cadernos de Estudos Leirienses*, 11 (2016), 329-341.
- BARREIRA, Catarina Fernandes *et al.*, «Normatividade, unanimidade e reforma nos códices medievais de Alcobaça: dos tempos primitivos ao abaciado de Frei Estevão de Aguiar», *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 19 (2019), 345-377.
- BONDÉELLE, Anne, «Trésors des moines. Les Chartreux, les Cisterciens et leurs livres», A. VERNET (dir.), *Histoire des bibliothèques françaises. Les bibliothèques médiévales du VI^e siècle à 1530*, Paris, Editions du Cercle de la Librairie, 2008.
- BRITO, Frei Bernardo de, *Monarchia Lusytana composta por Frey Bernardo de Brito...Parte Primeira...*, Alcobaça, Alexandre de Siqueira & Antonio Aluarrez, 1597.
- CASTRO, Ivo *et al.*, «Vidas de santos de um manuscrito alcobacense: *Vida de Tarsis*, *Vida de uma monja*, *Vida de santa Pelágia*, *Morte de são Jerónimo*, *Visão de Tíndalo*», *Revista Lusitana*, nova série, 4 (1982-1983), 5-52.
- FERREIRA, Maria Augusta Pablo Trindade, *A Igreja abacial de Alcobaça. Lugar de memória*, Alcobaça, ACD Editores, 2009.
- GOMES, Saul António, *Visitações a Mosteiros Cistercienses em Portugal. Séculos XV e XVI*, Lisboa, Ministério da Cultura-IPPAR, 1998.
- GOMES, Saul António, «Revisitação a um velho tema: a fundação do Mosteiro de Alcobaça», *Cister. Espaços, Territórios, Paisagens. Atas do Colóquio Internacional*, Lisboa, IPPAR, 2000, 27-72.
- GOMES, Saul António, «Entre memória e história: os primeiros tempos da Abadia de Santa Maria de Alcobaça (1152-1215)», *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 2 (2002), 187-256.
- GOMES, Saul António, «A Congregação cisterciense de Santa Maria de Alcobaça nos séculos XVI e XVII: elementos para o seu conhecimento», *Lusitania Sacra*, 2^a série, 18 (2006), 375-431.
- GOMES, Saul António, «Abbés et vie régulière dans l'abbaye d'Alcobaça (Portugal) au Moyen Âge: un bilan», J.-F. COTTIER & D.-O. HUREL & B.-M. TOCK (coords.), *Les personnes d'autorité en milieu régulier. Des origines de la vie régulière au XVIII^e siècle*, Saint-Etienne, CERCOR, 2013, 137-150.
- GUERRA, António Joaquim R., *Os diplomas privados em Portugal dos séculos IX a XII*, Lisboa, Centro de História, 2003.
- GUSMÃO, Artur Nobre, *A Real Abadia de Alcobaça*, Lisboa, Livros Horizonte, 1992.
- LUCAS, Maria Clara de Almeida, *A Literatura Visionária na Idade Média portuguesa*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1986.
- MIRANDA, Adelaide, *A Iluminura Românica em Santa Cruz de Coimbra e Santa Maria de Alcobaça*, Universidade Nova de Lisboa, 1996 (Tese de Doutoramento).
- NASCIMENTO, Aires A., «Marginalidade e integração: o projeto codicológico como indício da receção do texto», V. BELTRÁN PEPIÓ, *Actas del I Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*, Santiago de Compostela, Promociones y Publicaciones Universitarias, 1988, 485-491.
- NASCIMENTO, Aires A., «A experiência do livro no primitivo meio alcobacense», *Atas do IX Centenário do Nascimento de S. Bernardo*, Braga, Universidade Católica e Câmara Municipal de Alcobaça, 1991, 121-145.
- NASCIMENTO, Aires A., «Le scriptorium d'Alcobaça: identité et corrélations», *Lusitânia Sacra*, 2^o série, 4 (1992), 149-162.
- NASCIMENTO, Aires A., «Guido de Warwick, historia latine exarata: um epígonos de romance de cavalaria, entre os monges de Alcobaça», J. S. PAREDES NÚÑEZ, *Medioevo y literatura. Actas del V Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval. Parte 3*, Granada, Universidad de Granada, 1993, 447-462.
- NASCIMENTO, Aires A., *A Navegação de S. Brandão nas fontes portuguesas medievais*, Lisboa, Colibri, 1998.
- NASCIMENTO, Aires A., «Quando a terra acaba e o mar começa..., o céu por limite e destino», *IX Curso de Verão do ICEA*, 2007, 1-14
(online: http://www.icea.pt/actas/actasix/aires_nascimento.pdf).
- NASCIMENTO, Aires A., *Ler contra o tempo. Condições dos textos na cultura portuguesa*, Lisboa, Centro de Estudos Clássicos-Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2012, 2 vols.
- NASCIMENTO, Aires A., *O Scriptorium de Alcobaça: o longo percurso do livro manuscrito português*, Alcobaça, DGPC-Mosteiro de Alcobaça, 2018.

- NUNES, J. J., «Textos antigos portugueses. I: A visão de Tundalo ou o cavalleiro Tungullo», *Revista Lusitana*, 8 (1903-1905), 239-262.
- PEREIRA, F. M. Esteves, «Visão de Tundalo», *Revista Lusitana*, 3 (1895), 97-120.
- TINTURÉ, Antónia et al., «Restauros no Mosteiro de Alcobaça. O Claustro do Silêncio e a Sala das Conclusões», *Revista Património*, 3 (2015), 126-133.
- SANTOS, Frei Manuel dos, *Descrição do Real Mosteiro de Alcobaça: B. N. L. ALC. 307, FOLS. I-35* (ed. Aires A. NASCIMENTO), Alcobaça, Associação para a Defesa e Valorização do Património Cultural da Região de Alcobaça, 1979.
- SÃO BONAVVENTURA, Fr. Fortunato de, *História Chronologica e Crítica da Real Abbadia de Alcobaça...*, Lisboa, Na Impressão Regia, 1827.
- SOALHEIRO, João, «Traditio fundationis. O Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça e a interpretação do passado cisterciense do reino de Portugal em tempos medievais», M. A. FERNANDES MARQUES & L. C. AMARAL (eds.), *De Cister a Portugal : o tempo e o(s) modo(s) : Livro do XI Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões*, São Cristóvão de Lafões, Associação dos amigos do Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões, 2016, 33-125.
- SOBRAL, Cristina, «O Modelo discursivo hagiográfico», A. S. LARANJINHA & J. C. MIRANDA (orgs.), *Modelo. Atas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, 97-107.
- ZIERER, Adriana Maria de Souza, A *Visão de Túndalo* no contexto das viagens imaginárias ao Além Túmulo: religiosidade, imaginário e educação no medieval, *Notandum*, 32 (2013), 101-124.